



HARMONIA, CONSENSO E (IN)VISIBILIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO PARA A CRIANÇA BRASILEIRA: O CASO DA SÉRIE PEDRINHO (1953-1970)

Raquel de Abreu¹

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

raqueldeabreu@gmail.com

O intelectual Darcy Ribeiro na obra clássica *O povo brasileiro*, busca compreender a formação brasileira a partir das matrizes que gestam nosso povo, por suas confluências, entrechoques e caldeamentos que geraram uma estrutura social inédita nas Américas, entre o invasor português e os aliciados como escravos: o ameríndio e o negro africano. Esse caldear se inicia nos primeiros anos de colonização da América portuguesa, sendo constantemente retratado na oralidade e na materialidade cultural disponível entre nós, de forma especial nos conteúdos impressos que compõem os livros escolares. Se esse “caldear” é citado na cultura oral e na cultura escrita, ele pouco é discutido. Menos discutidos ainda são os entrechoques e as confluências gestoras e gestadas no interior das relações sociais brasileiras.

E é nessa sociedade de um caldear étnico pouco citado e menos ainda discutido, com entrechoques e confluências apagadas, que encontramos uma série de livros didáticos largamente utilizados nas escolas brasileiras dos anos cinquenta e sessenta do século XX: *A série de leitura graduada Pedrinho*². Seu autor é Manoel Bergström Lourenço Filho, tradutor da obra *Educação e Sociologia* de Émile Durkheim para o Brasil em 1928, editada pelas Edições Melhoramentos, e um dos signatários mais citados do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932.

A partir de dados já trabalhados na dissertação *A série de leitura graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho*, esta comunicação busca ampliar a análise e trazer à discussão alguns aspectos não

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – doutoranda pelo mesmo Programa de Pós Graduação – Linha de Pesquisa: Sociologia e História da Educação.

² Neste trabalho a coleção de livros didáticos *Série de leitura graduada Pedrinho* também é identificada como *Série Pedrinho*.



examinados anteriormente. Entre eles, podemos elencar as seguintes questões: qual o lugar ocupado pelo negro brasileiro na *série Pedrinho*? Como a parcela da população negra brasileira daqueles dias é representada na série de livros de leitura para a escola primária brasileira? E como as relações sociais entre negros e brancos é representada pelo autor dos textos escritos e pelos artistas produtores das imagens da *série*? A busca de respostas a tais questionamentos pode contribuir para compreendermos como parte do pensamento social da nação brasileira pode ser construída a partir dos usos sociais de um material de leitura escolar. Aqui, os manuais escolares são considerados como veículo de civilidades no rol das leituras ditas “ordinárias”, aquelas que estão na ordem do cotidiano, muitas vezes negligenciadas como fonte de pesquisa histórica ou sociológica.

Lourenço Filho faz parte de uma geração de intelectuais brasileiros, que já nos primórdios dos anos vinte se articulavam em busca de respostas para a problemática das mudanças sociais que ocorriam no país naqueles anos. Esta articulação se expressa numa triangulação entre os intelectuais, o poder público instituído e um pequeno, mas emergente mercado de livros e leitores. Essa geração de intelectuais constituiu-se de um grupo heterogêneo, com distintas orientações teóricas e de diferentes correntes ideológicas, porém estava historicamente reunida não apenas por refletir sobre as temáticas que impediam a plena constituição política do povo brasileiro e o ingresso da nação no mundo moderno, mas também por influenciarem e atuarem no processo político educacional que buscava dar um direcionamento emancipatório à população do país.

Conforme Daniel Pécaut (1990), os intelectuais do período se percebiam como um grupo à parte da dinâmica estrutural das classes sociais, estando acima e entre as classes, flutuando sobre elas. Sendo assim, mesmo em associação com o Estado, sentiam-se relativamente independentes e se colocavam na *missão* de representar as classes sociais brasileiras. Não se sentiam cooptados pelo poder estatal, mas estavam dispostos a auxiliar o Estado nas demandas da construção de uma nação alicerçada com base na racionalidade moderna. Sua marca estava na linguagem característica do poder que pode ser assimilado pelas massas e “sua legitimidade decorre justamente de se fazerem intérpretes das massas populares” (PÉCAUT, 1990, p.15). Os intelectuais-



educadores ou educadores-profissionais, como Miceli (1979) os identifica, fazem parte do único grupo de intelectuais convocados pela elite administrativa do poder público, em virtude da competência, aptidão e reconhecimento legitimado publicamente. Sobre o fazer educacional de Lourenço Filho, Sérgio Miceli (1979, p.171) considera que “O trabalho que desenvolve e a carreira a qual se devota resultam da coincidência entre a boa vontade cultural que permeia suas disposições e os interesses do poder público em contar com um corpo de especialistas voltado para a gestão do sistema de ensino”.

Sendo assim, o Brasil que Lourenço Filho apresenta na série didática é o Brasil de um especialista em educação, cuja perspectiva educacional para o povo brasileiro é autorizada não só por sua boa vontade cultural, mas também pelo prestígio que goza no interior do poder público, fazendo com que sua obra se insira nas escolas primárias do país.

A época em que Lourenço Filho idealiza e publica a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* insere-se no período de transição que Octávio Ianni (1975) descreve como o período do “padrão getuliano de desenvolvimento econômico”, como também o do “período de transição destinado a associar e internacionalizar a economia brasileira, através do Programa de Metas do Governo Juscelino Kubitschek” (IANNI, 1975, p.28). Sendo um período onde se pode observar uma “necessidade de ‘reorientar o processo civilizatório brasileiro’, no sentido de sua introdução definitiva na civilização urbano-industrial do mundo ocidental” (ROMANELLI, 1978, p. 58). Num quadro político e econômico um pouco mais alargado, percebemos a distinta presença de Lourenço Filho atuando em dois momentos de orientação e reorientação do processo civilizatório brasileiro³. Num primeiro momento, entre os anos vinte e trinta, quando orienta professores, gestores educacionais e dirigentes políticos, organiza, escreve, e

³Lourenço Filho cursou a Escola Normal Primária em Pirassununga, SP e em 1918 se formou no Curso Normal Secundário pela Escola Normal da Praça na capital de São Paulo. Período em que trabalhou em jornais e revistas da capital paulista. Em 1921 funda a Revista de Educação e em 1922 segue para o Ceará, onde é nomeado diretor-geral da Instrução Pública daquele estado. Em dois anos idealizou e liderou uma reforma educacional no Ceará aos moldes da reforma educacional paulista. Em 1924 traduz duas obras de autores franceses da área de psicologia educacional. Em 1925 se vincula à Companhia Melhoramentos como consultor editorial da empresa. Organiza a *Bibliotheca Infantil* da editora e ao longo de algumas décadas emitiu mais de 30.000 pareceres sobre livros infantis, juvenis e didáticos. A partir de 1927 a *Bibliotheca de Educação*, a primeira coleção de textos pedagógicos para o público brasileiro. Em 1928 traduz Educação e Sociologia, obra de Émile Durkheim, publicada na França em 1922. Lourenço Filho foi o primeiro tradutor de Durkheim para o público brasileiro.



traduz livros para a formação de uma nova geração de professores brasileiros⁴, fundamentados numa *educação científica*, e num segundo momento, nos anos cinquenta e sessenta, no período de sua maturidade intelectual, quando *orienta* uma nova geração de brasileiros, as crianças do Ensino Primário, através da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

A *série Pedrinho* faz parte de um acervo diversificado de séries de leitura destinadas ao ensino primário, publicadas durante a primeira metade do século XX no Brasil, mais precisamente entre as décadas de trinta e cinquenta⁵. O considerável aumento na publicação de livros didáticos nesse período faz parte de um universo de transformações na política educacional brasileira e, foi a partir dos anos 1930, “que se desenvolveu no país uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando um embasamento científico” (FREITAG, 1993. p.12).

Nos últimos anos, os estudos sobre os livros didáticos demonstram que é muito difícil defini-lo, e múltiplas são as concepções em torno dos manuais utilizados em sala de aula. Circe Bittencourt (2002) defende que os conteúdos apresentados nos livros didáticos são parte de um processo de transposição dos saberes científicos para os saberes escolares. Lembrando especialmente que, “o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura” (p.72). E, como proposta para melhor compreensão do livro didático, a autora recomenda uma análise ampla e abrangente dos livros didáticos em todos os seus aspectos.

A *Série de leitura graduada Pedrinho* é uma coleção composta por cinco volumes, sendo quatro para leitura graduada e uma cartilha, associados aos respectivos *Guias do Mestre*, manuais orientadores dirigidos aos professores para aplicação das lições em sala de aula. São livros editados pelas Edições Melhoramentos, que inicia a publicação da série em janeiro de 1953, com *Pedrinho*, o primeiro livro. A seguir,

⁴Lourenço Filho é o editor da *Bibliotheca de Educação* publicada pela Melhoramentos, primeira coleção de livros organizada no Brasil para a formação “científica” do professor brasileiro. Entre 1927 e 1941 são publicados 36 títulos cujos gêneros transitam entre sociologia, psicologia, biologia, estatística, metodologia científica, filosofia e pedagogia. A coleção reunia títulos de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa, como também de autores brasileiros. Lourenço Filho é autor de *Introdução ao estudo da Escola Nova*; *Testes ABC* para a verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita; *Tendências da educação brasileira*. *Educação e Sociologia* de Émile Durkheim faz parte da coleção e foi traduzido por Lourenço Filho em 1928.

⁵Para maiores detalhes, como nomes, datas e autores das séries, ver relação em PFROMM NETTO, ROSAMILHA e DIB, 1974, p.181-182.

publica *Pedrinho e seus amigos*, o segundo livro da série, em janeiro de 1954. O terceiro livro, publicado em janeiro de 1955 é *Aventuras de Pedrinho*. O quarto livro da série tem como título *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* e foi publicado pela primeira vez em março de 1956. Para encerrar a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, a cartilha *Upa, cavalinho!* é publicada em janeiro de 1957.



Figura 1. Capas da Série de leitura graduada Pedrinho e do vol. 2 do Guia do Mestre

Conforme indicado pelo autor nas quartas capas de cada volume, esta “É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das ‘relações humanas’ no lar, na escola, na vida social” (LOURENÇO FILHO, 1958, quarta capa). Ainda ilustra que os livros da série não têm somente o objetivo de *ensinar a ler com compreensão*, mas também cumprem o que podemos denominar de *função socializadora*, por buscar, através de lições de Língua Portuguesa, História do Brasil, Geografia do Brasil e Ciências, pensar numa educação ampla, que envolve as relações humanas para além do universo da sala de aula, socializando assim, a criança no Brasil para o Brasil daquele período.

A maior parte dos conteúdos das lições nos volumes 1, 2 e 3 apresenta-se de forma episódica e seus capítulos e unidades podem ser lidos separadamente, de forma aleatória, mas reunidos formam um conjunto com sentido específico. Já o quarto livro,

Leituras de Pedrinho e Maria Clara, é organizado pelo autor de forma diversa dos livros anteriores da série. No volume é elaborado um *Índice arrumado por assuntos*, onde não são tituladas as unidades, mas sim os assuntos. Ao agrupar os textos adaptados e/ou de outros autores numa ordem temática, o autor conduz professor e alunos a uma relativa seleção de leituras.

As edições de todos os livros da *Série* apresentam as mesmas dimensões – 20cm x 13,5cm. As edições da década de cinquenta obedecem ao padrão *capa dura* e as da década de sessenta tornam-se mais econômicas ao apresentarem encadernação em brochura. O primeiro livro é ilustrado por Maria Böes e os demais volumes são ilustrados pelo artista plástico Oswaldo Storni. A coleção foi reeditada até 1970, com um total de 4.778.171 exemplares publicados.



Figura 2. Pedrinho e seus amigos, 5ª ed., 1958, p.18. Ilustração Oswaldo Storni

Nos volumes o autor constrói suas representações em torno das instituições sociais que envolvem o Estado brasileiro, por seus padrões culturais, suas relações de trabalho, suas leis e seus valores, que derivam e dependem da instituição social que é a linguagem. Para Lourenço Filho, o domínio de uma determinada linguagem, a língua culta, fator fundamental para as questões que estão em jogo em seu projeto educacional, pois é através do domínio da língua pátria bem escrita e bem falada que as crianças desenvolverão as habilidades necessárias e imprescindíveis para o ajustamento à vida coletiva e a autonomia que uma sociedade moderna e civilizada, pensada por ele, exigiria. Os indivíduos representados na coleção imprimem suas marcas pessoais, mas são individualidades permitidas e limitadas por características peculiares da sociedade

em que eles estão inseridos. A consciência coletiva do que representa o povo brasileiro está impregnada em cada uma das personagens da *Série Pedrinho*, independente de marcas individuais que cada um deles possa apresentar. As consciências individuais na série juntam-se para formar outra consciência, que é a consciência coletiva.

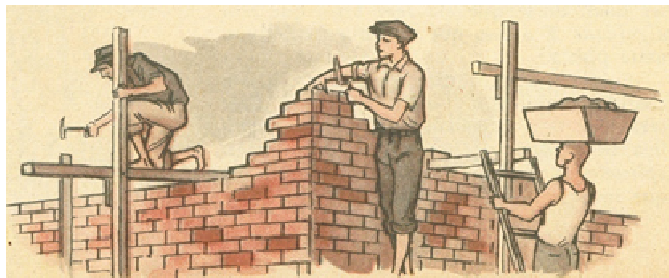


Figura 3. *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958, p. 44. Ilustração de Oswaldo Storni,

De forma especial, no volume 2, *Pedrinho e seus amigos*, na sociedade brasileira moderna de Lourenço Filho as identidades sociais são construídas de forma harmônica pelas atividades profissionais, que se apresentam como uma necessidade para o perfeito funcionamento desta. Assim, identificamos um conceito sociológico que permeia as lições para as crianças e as recomendações aos professores: solidariedade orgânica. É esta solidariedade, existente entre os membros da sociedade da série *Pedrinho*, que estabelece um sistema de funções diferentes e que fortalece os laços estabelecidos entre os indivíduos. Os profissionais representados na *Série Pedrinho* desempenham funções individuais, mas são funções que possuem a marca da atividade profissional naquele período no Brasil. Na sociedade da série, quanto mais às consciências individuais se voltam para o coletivo, maior é a interdependência criada entre seus indivíduos, que, por necessitarem uns dos outros, unem-se em busca de uma sólida coesão social. Lourenço Filho parafraseia o que está posto nas teorias durkheimianas quando escreve que “um homem só não pode fazer tudo” e que “o trabalho tem que ser diferente para cada um”(LOURENÇO FILHO, 1958, p.44). Na sociedade harmoniosa idealizada por Lourenço Filho, cada indivíduo tem seu lugar e sua função, e essas funções estão a serviço da sociedade brasileira pensada por ele. É lembrado sempre que o trabalho, por suas características sociais, é uma das formas de garantir a sobrevivência da própria sociedade. Porém é num contexto diverso da categoria “trabalho” da sociologia moderna de Émile Durkheim, como fator que garante a harmonia e sobrevivência nas sociedades

capitalistas, que emerge o negro brasileiro nos conteúdos escritos e imagéticos da coleção.



Figura 4. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. 1957, 2ª ed., p.77. Ilustração de Oswaldo Storni

Entre as 284 lições que totalizam os quatro volumes de leitura graduada, somente 2 (duas) lições - do volume 4 - trazem como exemplo o protagonismo de dois “vultos” históricos negros para a cena escolar. O primeiro exemplo é a lição 34, “O Aleijadinho”, um texto de Clarice Almada e o segundo exemplo é a lição 68, “De escravo analfabeto a orador famoso”, texto assinado por Renato S. Fleury. Na lição sobre “o aleijadinho” o escultor Antônio Francisco Lisboa, apesar de a imagem ilustrativa nos remeter às representações de um negro, no texto escrito há somente a menção à sua origem paterna: o português Manoel Francisco Lisboa. O nome e origem étnica da mãe não são mencionados no texto. Vejamos o texto do segundo exemplo, na íntegra:



Figura 5. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, 1957, 2ª ed., p.151. Ilustração Oswaldo Storni.

68. De escravo analfabeto a orador famoso

Renato S. Fleury

Um brasileiro que passou às páginas da história nacional, Luís Gama, ou, para mencioná-lo o nome por extenso, Luís Gonzaga Pinto da Gama, aprendeu a ler já moço, aos dezoito anos de idade. Nem por isso deixou de ser um grande abolicionista, dos que mais trabalharam pela abolição da escravatura em nossa terra; nem por isso deixou de ser um respeitado jornalista, um orador destemeroso, um tribuno vibrante e ardente.

Qualquer idade é propícia ao estudo, desde que haja força de vontade. Luís Gama, filho da escrava Luísa Maim, ele mesmo escravo também, viajou de sua terra natal, a Bahia, vendido para Santos. Na cidade de Campinas, no mercado de escravos, foi de novo vendido...Contava então dez anos de idade. Como se vê, uma criança.

Levado para São Paulo, ali trabalhou como sapateiro, e conseguiu, não obstante sua humilde condição, guardar economias. Com esse dinheiro comprou sua carta de alforria, sua liberdade.

Era apenas então um adolescente. Encontrando dificuldade para conseguir emprego, “assentou praça de soldado”. Já por esse tempo resolvera estudar. E começou a aprender a ler. Inteligente, vivo, dotado de grande força de vontade, em poucas semanas aprendeu a leitura e a escrita.

De posse desses conhecimentos básicos, dedicou-se à leitura de bons livros. Conseguia-os com grandes sacrifícios, comprando-os com as magras sobras de seus soldos ou tomando-os de empréstimo a amigos e conhecidos. Seguiu a vocação que Deus lhe deu: fez-se jornalista e defensor dos escravos, pugnando pela abolição do cativo, e servindo-se principalmente, para isso, de um dom: a arte da palavra.

Dotado, pois, de palavra fácil e inflamada, tornou-se um dos grandes oradores populares, transformou-se num ardoroso tribuno para advogar impavidamente a liberdade dos escravos.

E, assim, abolicionista dos mais vigorosos e combativos, seu nome figura nas páginas históricas da pátria, ligado a uma das mais belas campanhas que o povo brasileiro soube pacificamente vencer: a abolição da escravatura, determinada pela “Lei Áurea”, que a Princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II, e na regência do Império, assinou a 13 de maio de 1888 (LOURENÇO FILHO apud FLEURY, 1957, p.151).

No Guia do Mestre, em relação aos objetivos do conteúdo, Lourenço Filho assim se expressa: “*Objetivos.* – Demonstrar que, pelo estudo, mesmo as pessoas mais humildes podem elevar-se” (LOUREÇO FILHO, 1968, p.119).

Nas lições da coleção do volume 2 e volume 4, onde o autor menciona o evento da Abolição da escravatura, não há ilustrações representando pessoas negras. Há sim

duas ilustrações, uma representando a princesa Isabele a outra uma corrente com um elo partido.

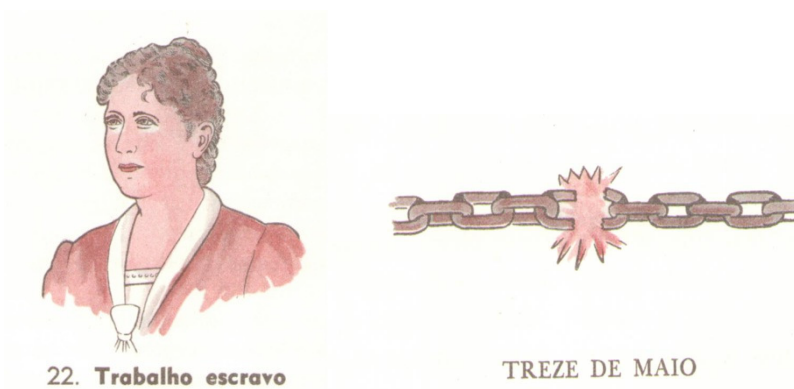


Figura 6. *Pedrinho e seus amigos*, 1961, p.46 e 47. Ilustração de Oswaldo Storni

Quando o autor se refere à temática do cultivo da cana-de-açúcar, no *Guia do Mestre*, Lourenço Filho (1968, p.101) assim orienta os professores: “[...]a propósito de certos parágrafos, faça rever as ideias que a classe já possui sobre escravidão de índios e pretos. Procure demonstrar que não se justificam os preconceitos de raça e de cor. Verifique se terão compreendido a expressão casa-grande.” Na lição “22. Trabalho escravo” do livro *2 Pedrinho e seus amigos*, o autor, no *Guia do Mestre* orienta o professor da seguinte forma: “*Objetivos.* – Relembrar fatos da história pátria. Insistir sobre a importância do trabalho, que é dever de todos. Esclarecer a noção de lei” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 45). Aqui, não há menção às questões de preconceitos de “raça” ou de “cor” como no exemplo anterior. Na sociedade harmônica e consensual pensada por Lourenço Filho, o trabalho escravo é, sem dúvida, uma forma de relação social do passado que deve ser rejeitada numa nação moderna e civilizada. O autor não registra, para a criança e professor da escola primária, a presença dos descendentes daqueles trabalhadores do passado no Brasil do presente. Apenas enfatiza que

Hoje, o trabalho é livre para todos. Todas as pessoas têm direito de trabalhar onde queiram, recebendo justo pagamento pelo que façam. Não existe distinção de raça, de cor, ou de qualquer outra espécie. A lei é igual para todos (LOURENÇO FILHO, 1961, p.47).



Figura 7. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, 1957, p.36 e 45. Ilustrações de Oswaldo Storni

Na lição 19 do quarto volume, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, baseado num texto de 10 parágrafos, de autoria de Pedro Calmon e adaptado por Lourenço Filho são descritas as riquezas produzidas pela produção do açúcar no Brasil. Relata o aliciamento de índios pelos portugueses para o trabalho nas lavouras canavieiras; a miscigenação entre os homens portugueses e as “mães índias”: “Dessa união nasceram os primeiros mestiços, chamados a princípio de mamelucos, e depois de caboclos. Esses mestiços foram os primeiros brasileiros”(LOURENÇO FILHO, 1957, p.45). Continuando a lição, assim estão documentados os dois últimos parágrafos:

Os padres jesuítas vieram com o 1º governador-geral do Brasil, no ano de 1549. Representantes da religião pregavam os bons costumes e a boa compreensão que deve reinar entre os homens. Não podia ser pela escravidão dos indígenas, como de ninguém. Chegaram mesmo a conseguir do rei de Portugal o reconhecimento da liberdade dos índios.

Diante disso, os colonizadores começaram a ir buscar gente na África. Substituíram a escravidão da raça indígena pela escravidão da raça negra, a qual infelizmente existiu em nosso país até 13 de maio de 1888 (Idem, p.46).

Na lição, autor e adaptador mencionam a união entre portugueses e indígenas, mas não menciona a união entre portugueses e negros. Lamenta a existência histórica do trabalho escravo em nossas terras, mas não cita ou questiona o porquê da defesa dos jesuítas em relação à escravidão dos povos nativos do Brasil e a posição naturalizada, pelos mesmos padres que *pregavam os bons costumes*, em relação à escravização da *gente da África*.



As imagens no interior dos livros são um fator diferencial na época de lançamento da coleção, pois de acordo com Pfromm Neto (1974, p. 182) “As ilustrações em cores dos primeiros volumes, a apresentação gráfica cuidadosa, e os cuidados que o autor tomou no planejamento do conteúdo fazem de Pedrinho um marco na história do livro de leitura brasileiro”. Sem dúvida, ao folhearmos os livros nos impressionamos com o investimento gráfico na diversidade de imagens que ilustram todas as lições. Sobre o lugar ocupado pelas imagens em nosso mundo, Ernest Gombrich (1993) demonstra vivemos numa sociedade permeada por imagens, pois em todos os espaços em que transitamos nos envolvemos com imagens, levando alguns a acreditarem que elas têm se apropriado do tradicional mundo das palavras e da escrita. As imagens nos envolvem em processos informativos, emotivos e significativos e podem desencadear interpretações diversas, pois nenhuma imagem expressa por si só, segundo o mesmo autor, histórias sobre si e sobre o mundo.

Sendo assim, a utilização de imagens como fontes documentais pode possibilitar a compreensão do que há de representativo, do que foi selecionado e hierarquizado por Lourenço Filho, Maria Bões e Oswaldo Storni para dizer como é a sociedade brasileira pensada por eles e, mais ainda, como ela deve ser.

Ao iniciarmos uma análise qualitativa em torno dos objetivos aqui propostos, precisamos nos apoiar em dados quantitativos e esses dados sustentam as primeiras impressões de quem “procura” a representação dos negros da sociedade brasileira numa série de livros escolares. Lembrando que o conceito de representação aqui explorado remete às reflexões do cientista social clássico Émile Durkheim, como reconhece o historiador francês Roger Chartier (2009):

As representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social. São elas que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como as fazem ver e crer os signos, as condutas e os ritos (p. 49-50).

Se a série “cuida” dos problemas das relações humanas no lar, na escola e na vida social, partimos do pressuposto que estejam cuidados ali, os problemas que



permeavam a sociedade brasileira numa linguagem específica para crianças brasileiras que cursavam o ensino primário naqueles anos. Vejamos alguns dados observados:

1. Nos quatro volumes dirigidos para a leitura graduada, são contabilizadas 284 lições permeadas por ilustrações policromáticas, preto&branco, preto&vermelho ou preto&verde.
2. Do total de ilustrações, 193 (cento e noventa e três) representam pessoas da sociedade brasileira do período: crianças, jovens e adultos.
3. Dessas 193 ilustrações, apenas 4 (quatro) delas representam pessoas negras brasileiras, portanto 2,07% do total de ilustrações.
4. Nenhuma das quatro ilustrações onde o negro é representado é policromática.
5. Nenhuma das quatro ilustrações representa uma criança negra em idade escolar – faixa etária para a qual os livros eram direcionados.

Diante desses dados buscamos dados oficiais sobre a população branca e negra no Brasil entre os anos de 1950 e 1960. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 1950 a população brasileira contava com 51.944.397 habitantes. Desses, 5.692.657 são classificados como “pretos” e 13.786.742 como “pardos”. Totalizando entre pretos e pardos 37,50% da população brasileira. Dez anos depois, no censo de 1960, os números oficiais registram que a população brasileira total contabilizava 70.191.370 habitantes. Dentre eles, 6.116.848 eram classificados como pretos e 20.706.431 como pardos. Totalizando assim, entre pretos e pardos 38,21% da população brasileira.

Mesmo considerando que os dados oficiais possam mascarar questões de pertencimento e identidade em virtude das fragilidades metodológicas inerentes à pesquisa quanto à classificação atribuída à cor/raça da população, que entre os brasileiros está diretamente relacionada à aparência e pressuposto sócio culturais, os números denunciam uma desproporção entre a população negra e parda brasileira registrada oficialmente (38%) e a representação de pessoas negras no total das ilustrações que representam pessoas no interior dos livros (2%).

Sob esse aspecto, percebe-se uma “invisibilidade naturalizada” nas páginas da coleção como um todo, pois não há negros compartilhando o espaço social em que transita a criança *Pedrinho*, seus familiares e amigos: os brasileiros que vivem num Brasil urbano, civilizado e moderno. Como já citado, nas lições para a criança da escola primária, o autor registra a miscigenação entre o europeu português e a população nativa das terras brasileiras, porém não há menção à miscigenação entre portugueses e africanos como fato a ser registrado na história social da pátria.



Figura 8. *Pedrinho*, 1968, 16ª ed. p.30. Ilustração de Maria Böes

Além de tais indicativos revelarem a invisibilidade do negro brasileiro nos textos escritos e nas imagens que representam a população do país na época, indicam também que o negro “visível” nos textos e nas imagens faz parte de um passado distante, não é contemporâneo e nem próximo à criança leitora da série de livros didáticos. Mais revelador é o fato de não se identificar a representação de crianças negras dividindo o cotidiano com Pedrinho, quer “no lar, na escola ou na vida social” (figuras 1, 2, 3 e 8).

Podemos conjecturar que, se um estrangeiro às particularidades históricas e sociais da vida brasileira pensar em conhecer as representações em torno dessa sociedade nos anos cinquenta e sessenta do séc. XX a partir de uma série de livros escolares que se propõe a “cuidar” das relações humanas na vida social dos pequenos brasileiros, como a série *Pedrinho*, terá uma ideia mascarada e distorcida da sociedade brasileira de então. A sociedade brasileira representada na série é harmoniosa, consensual e não apresenta



conflitos advindos de diferenças de “raça” ou de “cor”. Como tais possíveis problemas não existem, não precisam ser discutidos.

Enquanto que a matriz indígena é registrada e reconhecida historicamente pelo autor, como um dos pilares para a formação do povo brasileiro, o caldear de confluências étnicas entre a matriz portuguesa e africana, na *Série Pedrinho*, nenhuma vez é mencionada. Em face disso, consideramos que o pensamento social construído por brasileiros para brasileiros representado nessa coleção de livros didáticos adotados pelas escolas brasileiras por 18 anos, pode ter contribuído para a naturalização de uma invisibilidade dos brasileiros descendentes de negros africanos pós-abolição da escravatura. O negro na série é identificado de duas formas: como um dos pilares econômicos da nação, pelo trabalho braçal, injusto, num Brasil do passado. Ou então, como alguém que, por si só, pelo seu próprio esforço se liberta dos grilhões da escravidão e do analfabetismo e “faz-se jornalista”, trazendo para as reflexões da sala de aula, os princípios da emancipação liberal. Nas duas formas de registro encontramos o mesmo Brasil do passado, distante da criança dos anos cinquenta e sessenta do século XX. Conforme a pequena amostra de imagens aqui inseridas, nas figuras 1, 2, 3 e 8, negros brasileiros não estão representados na escola, na rua ou no mundo do trabalho do universo que socializa *Pedrinho*. Por certo, o negro brasileiro representado na coleção não é contemporâneo e não compartilha os mesmos espaços sociais experimentados pelo professor que adota os livros em suas aulas e pelos alunos que gradua seu aprendizado de Língua Portuguesa, Geografia do Brasil, História do Brasil, Ciências e relações humanas nas 284 lições ao longo da *Série de leitura graduada Pedrinho*.

REFERÊNCIAS

ABREU, Raquel de. *A Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho*. 2009. 206 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, CED, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2009.

BITTENCOURT, Circe (org.). Livros didáticos entre textos e imagens. In: *O saber histórico na sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.



CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. [Trad. Cristina Antunes]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GOMBRICH, Ernest H. *La Imagen Visual: Su lugar en la comunicación*. In: *La Imagen y el Ojo*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

LOURENÇO FILHO. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. 2ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos: 1957. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 4).

LOURENÇO FILHO. *Guia do Mestre 2º volume*. São Paulo: Melhoramentos, 1968. (Série de Leitura Graduada Pedrinho).

_____. *Pedrinho e seus amigos*. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 2).

_____. *Pedrinho e seus amigos*. 9ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1961. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 2).

IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria R.; COSTA, Wanderley F. *O livro didático em questão*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1999.

PFROMM NETO, Samuel. ROSAMILHA, Nelson. DIB, Cláudio Zaki. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL/MEC, 1974.

ROMANELLI. Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

Site IBGE população pela cor: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/tabelas/populacao>